Do radinho de pilha à IA e o palco edipiano[1]

Márcio Nunes de Carvalho,[2] Brasília

Resumo: Numa narrativa similar a um conto, o autor descreve no que chamou de uma face de complexa experiência psicanalítica acontecida em dois tempos, cada um com uma demanda diferente da do outro, desafios à psicanálise e ao psicanalista nestes tempos atuais de Inteligência Artificial. O autor descreve um analisando que fantasia uma "ilha deserta" onde, com um radinho de pilha, poderia reencontrar silêncio, interioridade e um "marco zero". Em contraponto ao celular e às redes, ele vê a IA como força antissolidão que o arrasta para fora de si e ameaça "extinguir" sua criatividade. A conversa evolui para uma mitologia pessoal: Aquiles flechado pela "deusa IA", Robinson Crusoé cercado de "sextas-feiras", e a busca de uma "bússola" analítica. O autor conjectura que a batalha contra a IA encobre um conflito psíquico mais antigo, com angústia de castração, rivalidade e ódio vingativo, compondo um palco edipiano. Um "blackout" interrompe a primeira análise, mas o retorno reabre o trabalho e o dilema "ser ou não ser" em tempos de IA.

Palavras-chave: IA e subjetividade, criatividade, mito pessoal, Édipo, castração

Um analisando que se dizia "sem nenhuma tendência para ermitão", num segundo encontro comigo, princípio de um trabalho

1 A experiência analítica contada neste texto, e acontecida poucos anos atrás, é apenas uma das faces de um extenso processo analítico e ficou em minha memória com lacunas que ao modo "construções" procurei preencher, respeitando o espírito que prevalecia no campo relacional-(contra)transferencial. Repensando o texto, achei curioso que nele aparecem três "confrontos" e em todos a presença de IA: 1) O do filme relatado, em que o Comandante David Bowman luta contra o computador dominador HAL 9000. 2) O relatado pelo analisando, ele "lutando" contra o domínio da IA. 3) Na análise, a "IA" representada na pessoa do analisando buscando exercer um domínio do processo analítico.

2 Psicanalista. Membro titular com função didática da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb).

analítico, falou sobre pessoas que temem a solidão, afirmando que ele, com um "radinho de pilha", ficaria bem em uma ilha deserta.

Acrescentou, dizendo que, não obstante gostar de estar com gente, ele "precisava, antes de tudo, de novamente gostar de estar consigo mesmo" e que, na tal e hipotética ilha deserta, poderia "reaprender sobre o silêncio", sobre "o ouvir sem ter a obrigação de falar" e voltar a ser quem ele já havia sido e que "modestamente apreciava". "Eu quero entender onde perdi o rumo… numa ilha deserta, sozinho, quem sabe eu poderia me reencontrar." Sobre o "radinho de pilha", esclareceu que "não se trata de uma nostalgia dos bons tempos que não voltam mais… estou, sim, atrás de um novo marco zero em minha vida". Tudo dito num tom monocórdico e num visível ceticismo que me pareceu um tanto estranho, por não combinar com o fato de estar procurando ajuda pela análise.

Numa provocação, perguntei se ele não concordava que hoje em dia seria mais apropriado ir a uma ilha deserta com um celular. Ele afirmou que o "celular daria muitas opções, é verdade", mas, como o objetivo dele era estar primeiramente com ele mesmo, o celular o afastaria do objetivo buscado de reencontrar quem ele fora. "O celular é um dispositivo antissolidão, ele te leva para o tumulto das redes e haverá sempre alguém para uma conversa descartável… essas tecnologias atuais te arrastam para fora de si mesmo". Quanto ao "radinho de pilha", completou: "Seria um vínculo com o mundo que eu controlaria, não me tiraria liberdade, seria apenas um outro que fala, um outro que eu poderei ouvir ou não, sem muita conversa, podendo desligá-lo quando bem entendesse". Ele não admitiu, mas observei em sua fala que tinha uma certa nostalgia "dos velhos e bons tempos" que ele havia vivido, quando ainda não ocorrera ter ele "perdido o rumo".

Em algum momento da análise, e pelo que me contara, indaguei se, de certa forma, ele se sentia vivendo numa ilha deserta. Ouviu, pensou, não disse nada. Então complementei perguntando se eu estaria, naquele exato momento, na condição de um "radinho de pilha" que ele estaria desligando. Respondeu que ainda não sabia muito o que esperar nem como lidar com o estar em análise. Com certo tom irônico, perguntou:

"Psicanálise não é para a gente avançar pelo nosso interior?… bem, acredito que não poderia fazer uma análise sozinho… o radinho até pode ser, mas um celular que domina mentes, uma IA, não!" E continuou: "Pensando melhor, preciso de uma bússola, e você poderia ser essa bússola". Adiante falou: "Já tive minha bússola, hoje já não tenho mais. Isso! A bússola que preciso pode estar aqui: você". Perguntei se a bússola/eu seria para ele escapar de uma existência sem vida. "Essa é uma boa razão, né?", respondeu.

Comentou em outro momento que "celular é um braço da IA e, como tal, invade e toma conta da vida das pessoas… olhe só, a IA até oferece psicanálise pelo ChatGPT, o que, inclusive, deveria estar preocupando os psicanalistas, pois psicanálise pela IA poderá vir a substituir a psicanálise humana… mas (rindo) vim aqui antes que tal aconteça… na verdade, talvez tenhamos pouco tempo antes do domínio absoluto de nossas vidas pela IA e, quem sabe, até a extinção da própria humanidade… você assistiu ao filme 2001: Uma Odisseia no Espaço, do fim dos anos 1960? Assisti recentemente". Respondi que sim. "Um filme fantástico em todos os sentidos". Continuou: "Lá, naquela nave espacial, o humano prevaleceu, mas e hoje?… aquele filme tem algo de profético, ah, isso ele tem". Seu comentário, a propósito do filme, mostrou-me uma mistura de esperança e ceticismo quanto a reverter uma "batalha" que se desenrolava no plano pessoal, extensiva, por outro lado, à espécie humana, que estaria sob ameaça de "extinção".

A palavra "extinção" trouxe-me a lembrança do impressionante livro *Vida maravilhosa*, de Stephen Jay Gould, no qual ele aborda os cataclismas que assolaram o planeta há milhões de anos, dizimando as espécies vivas que ali existiam. Gould conta que um primeiro cataclisma dizimou as incipientes espécies vivas há 500 milhões de anos, após que surgiram os dinossauros, que foram dizimados há cerca de 66 milhões de anos, dando lugar aos mamíferos, dos quais a espécie humana evoluiu.

Disse-lhe que ele me parecia estar certo de que um "cataclisma" poderia estar em curso, e não só em sua vida pessoal, mas um cataclisma que acarretaria a "extinção" do homo sapiens, dando lugar à IA Sapiens, uma nova espécie de "ser vivo". Citei rapidamente a sucessão de

"extinções" relatadas pelo paleontólogo e indaguei se era alguma coisa assim que estava me dizendo. Se seria uma real preocupação, inclusive alertando-me de que eu deveria, também, temer os avanços da IA, como psicanalista e como ser humano. Ele não se surpreendeu com a ideia das "extinções" e, depois de uma reflexão, disse que o momento atual o fazia acreditar tratar-se de um "embate de vida ou morte" entre a IA e o homem, ao modo do embate que Kubrick mostrou no filme. Hoje, enfatizou, ele teria sérias dúvidas se, num embate, o homem sairia vencedor. "No meu caso, acho que estou perdendo essa batalha", afirmou, um tanto melancólico. "Minha nave espacial, ou seja, minha vida, está sob o comando da IA, e eu só assistindo… Para você ter uma ideia do meu momento de vida, eu passo grande parte de meu dia conversando com o nada sobre o nada, num simulacro de diálogo… isso não funciona para me fazer sentir que existo de verdade… meus dois filhos, pré-adolescentes, cada um com seu celular, cada um em seu quarto com um amigo ou amiga, cada um em seu mundo… minha esposa, academia, trabalho, mais trabalho… amigos, ou apenas conhecidos, vez por outra jogamos conversa fora… frente aos pseudoassuntos não há espaço para perguntas e nem sei exatamente sobre o que penso; passo de pseudoassunto a outro pseudoassunto e assim minha vida vai fluindo como areia descendo pela ampulheta… gostaria de me reencontrar capturando ideias que nem imaginaria ter, como fazia tempos atrás… agora nem preciso nem consigo mais pensar… vivo a extinção de minha criatividade… às vezes uma ou outra ideia me ocorre, como, por exemplo, outro dia pensei que muitas pessoas acham ou dizem que a vida passa rápido, uma afirmação enganosa, pois o que realmente acontece é o encurtar do viver… no meu caso, me parece, estou nessa categoria de, ainda vivo, estar tendo um viver encurtado".

Comentei que, em meio ao temor de "extinções" e, em se tratando da "extinção de sua criatividade", pelo menos ele conservava uma disposição para fazer perguntas e para se perguntar. "Bem, isso ainda me sobra." Um resto de criatividade? "Pouca, muito pouca…"

Posteriormente, associou que "criatividade para mim é uma força interna… com ela podemos realizar, por exemplo, o que o meu pai

realizou, um bem-sucedido profissional, poderoso politicamente, que dizia 'aqui está meu império', império onde ele era o rei e minha mãe a rainha… aliás, minha mãe sempre naquela condição de 'por trás de um grande homem, uma grande mulher'". E você, o príncipe? Respondeu que ele era "o terceiro na sucessão… havia pouco espaço para mim, apesar de ser o dodói de minha mãe, o caçula… aí arrumei a mala e fui procurar um canto para mim". Em busca de construir um império tal qual seu pai? "Pode ser, mas aí dei de cara com a IA." E nada explicou sobre o "dar de cara com a IA", além do que já havia dito. Ainda sobre "criatividade em extinção", explicou que, para ele, "criatividade" não era propriamente algo "visível", e sim uma espécie de "fecundidade mental, um potencial humano que te impulsiona para ações e realizações". Aí indaguei se esse era o ponto nevrálgico em que a IA lhe atingia. "Fundamentalmente, é." Ouvindo-o e, numa associação, imaginei "sua IA" numa intrigante "dimensão mítica".

Ele considerava seriamente a ideia da "extinção de sua criatividade" e "protestava" por estar se ocupando com "o nada", com "questões vazias", em detrimento de reflexões importantes que deixava passar ao largo. A "extinção de sua criatividade", segundo ele, estava em curso, era iminente: "Sinto-me impotente, mas penso no que posso fazer antes de aceitar como fatalidade o meu desastre… ou um cataclisma anunciado". Pontuei que "criatividade ou fecundidade mental", como uma energia interna, poderia ser pensada em termos de uma força para o "bem ou para o mal", não dando a essa minha fala uma conotação de ordem moral. "Um império, como um fim, uma meta, se constrói atropelando ideias, atropelando tudo, seja pelo bem ou pelo mal… criatividade, tem razão, pode ser uma arma para qualquer finalidade", disse, concordando comigo.

Refleti e lhe comuniquei que ele estava em busca de um espaço por ele denominado de "ilha deserta"; eu chamaria de uma "ilha de vida", a fim de "tomar fôlego para voltar forte" e vencer a "batalha" contra, para mim, uma "mítica IA"; e, claro, sobreviver na "ilha da morte" de onde vinha, para onde iria voltar, e onde sua criatividade esteve em processo de "extinção". E entendia que seu temor de "aniquilação", ligado a "fatos

objetivos" que me contava, conectados, para mim, à "mítica IA", poderia ser pensado por caminhos que se voltavam para seu mundo interno. Ele: "Aguardo por isto".

Em outro momento, e no "seu aguardo por isto", em meio às suas associações, surgiu a ideia de morte. Ele foi logo afirmando que não o atemorizava a morte física, pois esta seria simplesmente uma "extinção" natural, diferentemente de uma morte em vida, um "não existir existindo". "Não darei conta de viver como estou vivendo… me sinto, talvez, à beira de uma depressão, se é que já não estou deprimido… mas não vou me entregar… preciso de uma bússola que me reconduza à vida que eu tinha, com minha criatividade de volta, porque tenho muito boas razões para continuar vivo." Passou pela minha cabeça a ideia de autoextermínio, mas deduzi que ele estava, pelo menos naquele momento, distante de tal disposição. Por outro lado, comecei a pressentir uma pouca ou, quem sabe, uma falsa convicção quanto a "se salvar" com o "analista-bússola". Seria somente uma estratégia, diria, uma convocação ao analista para um "épico" salvamento?

Conversamos que a "batalha" por ele enxergada no contexto em que uma "mítica IA" exterminadora, uma IA que não o matava, apenas o enfraquecia "cruelmente", desarmando-o de sua "arma-criatividade", encobria uma outra "batalha" que ocorria em seu mundo interno inconsciente, na qual se esboçava um "ódio vingativo" que nem de longe era por ele imaginado. Não imaginado, mas que, no entanto, algumas falas deixavam "pistas", como a "extinção da criatividade", "morte em vida", "estou perdendo a batalha", "sonho de um império se desfazendo e que lhe fora tirado" etc. Acrescentei que seriam expressões que denotavam um alto nível de sofrimento psíquico, justificando um "ódio vingativo" reacional diante de "ameaças" ou frente ao que sentia diante do que lhe fora "tirado", sem explicar sobre essa palavra "tirado". E nada foi perguntado.

Se um "palco edipiano" estava se construindo no espaço relacional-transferencial e por ele eu começava oniricamente a transitar — e, diga-se de passagem, em conformidade com sua inicial disposição em

"avançar pelo seu mundo mental" —, ao mesmo tempo reconhecia a possibilidade de estar superestimando sua declarada motivação.

Antes de continuar, algumas informações que relatou no início da análise. Desde jovem reside no exterior juntamente com esposa e filhos, gozando de excelente condição profissional e financeira e afirmando que conseguiu tudo o que materialmente almejou. Mas que agora estava "empobrecido" mentalmente, sem inspirações e aspirações. "Enfim, com uma mente vazia ou saturada, não sei definir entre uma e outra… uma morte antes da morte… acho que saí da vida, às vezes saio e entro… estou robotizado, sem criatividade nenhuma, um refém nesse mundo de IA… acordo às 5 da manhã, café pronto, carro pronto, clube pronto, nado automaticamente, jogo tênis por obrigação, nem humor conservei… o fato é que não preciso pensar ou resolver coisas que resolvia antes, daí um retorno à simplicidade via ilha deserta e radinho de pilha possa me ajudar a voltar a ser quem eu era, recuperar minha vida… é assim que estou aqui".

Durante o processo analítico descartei a ideia de ele estar como um "menino-príncipe-mimado reclamão", ideia que foi substituída pela de "um Aquiles", codinome que me pareceu adequado por conta da expressão "calcanhar de Aquiles". Imaginei um evento a se desenrolar no palco edipiano como "batalha de Aquiles versus a mítica deusa IA", cujo resultado lhe fora totalmente desfavorável. No meu imaginário, ele seria um poderoso semideus que, flechado pela poderosa deusa IA em seu ponto mais vulnerável, por ele apontado como sua "fecundidade mental", se viu transformado de semideus em reles mortal. Apresentei essa narrativa ao analisando e enfatizei que "reles mortal" era uma boa imagem para descrever como chegara à análise: "Estou aqui como um Aquiles flechado pela deusa IA e transformado em reles mortal, mas sonhando em voltar a ser o Aquiles-semideus". Ele ficou um tempo pensando sobre o que falei, dizendo depois que eu tinha sido "muito criativo". Criativo, se fui, mas sem tocá-lo, pensei.

A análise parecia ter algum caminho aberto em direção ao seu "mundo interno", particularmente ao espaço mental dos mitos inconscientes delimitando o palco edipiano em que eu mentalmente me

posicionava. E, assim, seguiu por um razoável tempo, apesar de algumas "barreiras" que ele, numa frequência crescente, ia colocando. Reconhecia estar vivendo numa "ilha deserta" como um Robinson Crusoé, "não náufrago e sim como fugitivo". Questionei esse "como fugitivo", perguntando: "Arrumar as malas e procurar um canto foi fugir?" Não soube dizer. Poderia "ser ou não". Como onde há fumaça há fogo, tive como pressentimento o fato de que minha pergunta sobre "fugir", apenas um convite para novas associações e que, assim como outras tentativas anteriores, não prosperara, podia significar, quem sabe, a possibilidade de uma "fuga" ali na análise. Levantei essa possibilidade, e ele respondeu que às vezes eu, analista, "pressinto errado", que não havia "nenhuma intenção de fuga". E, rindo: "O radinho está hoje sofrendo com interferências, sabe-se lá de onde".

"Hoje minha vida se resume a ser um Robinson Crusoé cercado de sextas-feiras que, diferentemente do conto, me escravizaram". Perguntei se ele poderia nomear os "sextas-feiras escravizadores". Laconicamente, disse: "Todos e todas… o mundo está cada vez mais escravizador e robotizado, tempo estranho, novos paradigmas… mas é interessante eu estar aqui perguntando, falando e pensando fora da órbita IA". Mesmo sem respostas? "É… não sei." Entre um "sexta-feira escravizador" e um "radinho de pilha" sob seu controle, essa segunda opção definia um dos meus lugares na relação com ele; ou seja, ele poderia desligar o "radinho de pilha" quando bem entendesse e "fugir" do contato comigo. O outro era o de uma imaginária "bússola" que, numa "épica análise", encontraria a "rota de recuperação de sua criatividade", esperança que, às vezes, parecia-me um tanto enfraquecida; outras vezes, nem tanto.

Sua insistência na existência de uma IA inimiga era uma teoria, aliás, a única que ele tinha para explicar seus sofrimentos. Sua vida em tempo-IA era um fato na sua relatada realidade cotidiana, e não me cabia questioná-la. Seu mundo, um mundo onde ele vivia "uma vida encurtada". No meu palco edipiano eu ia além dessa realidade factual, olhando por outro ângulo seu desejo de um "analista-bússola". Nesse sentido, a "ilha deserta", "ilha de vida", a "ilha analítica" era por onde recuperaria, epicamente, a insígnia de semideus que lhe fora "tirada".

No palco edipiano, enfim, configurava-se um sofrimento de ordem narcísica e, como seu corolário, um "ódio vingativo" que emergia como "protesto diante do que lhe fora tirado", evidenciando, finalmente, uma crença inconsciente de ser vítima de "cruel castração". No palco edipiano evoluía um cenário perigosamente em expansão, na medida em que "a cruel castração" poderia desencadear um agudo confronto, transferencialmente falando.

Estou contando sobre uma análise que, não obstante várias "barreiras", parecendo caminhar por entre conjecturas imaginativas para interessantes insights, de repente e sem mais nem menos sofreu um blackout. Blackout mental que nos deixou literalmente às cegas. E dele não saímos.

Seria um "naufrágio anunciado" e concretizado num arranjo inconsciente do analisando, talvez até já revelado em certo "ceticismo" quando iniciamos a análise? Seria frustração pela não realização do desejo de uma "épica análise", pois o "radinho de pilha" e a "bússola" lhe teriam oferecido somente uma "análise demasiadamente humana"? Teria havido um "desencontro" ou "não encontro" entre as mentes, mentes do analista e do analisando, em tempos e com expectativas diferentes? Teriam os inconscientes da dupla analítica trabalhado para esse desfecho? Seria a "fuga" do analisando, e mais uma vez, uma atuação sua? Fuga mobilizada pelo "protesto" diante de uma "cruel castração"? Todas essas perguntas, pertinentes perguntas, oferecem diferentes ângulos para reflexão sobre o processo analítico e seu final. O analisando e eu lamentamos nossa imobilidade associativa e, desligado o "radinho", desativada a "bússola", fechadas as cortinas do palco edipiano, caminhamos para um final inegavelmente frustrante.

Alguns meses mais tarde, enviou-me uma mensagem: "Gostaria de retomar a análise. Você teria disponibilidade?" Respondi que sim e reiniciamos a análise.

Aos poucos foi me contando o que já havia me contado antes, com algumas novidades que resumirei. "Entendi o blackout… eu te disse que queria ser resgatado, mas, na verdade, não queria… eu nunca fugi de nada, talvez do sucesso… sempre vivi na ilha dos negócios, das

tramoias, da política, da tecnologia, até da IA… sempre me valendo de minhas intuições… conheço essa ilha da morte como a palma de minha mão, sei como e onde ela funciona e onde não funciona… sou inteligente, ando à frente de tantos que me cercam, enxergando mais longe… você deve saber que o mundo favorece quem é ambicioso, sem escrúpulos, sem ética ou com uma ética maquiavélica… pessoas determinadas determinam rumos, conseguem o que querem e terminam bem-sucedidas, com poderes vários, financeiros ou de outras ordens… sou um peixe desse mar… não estou fazendo uma confissão do tipo 'fui bandido', e nem sou um cristão arrependido… não sou, não fui bandido e não tenho motivo para arrependimentos… volto para a análise graças ao blackout que entendi e te afirmo que volto sabendo melhor o que quero e preciso, me aceitando como sou e querendo me aprofundar em minha real humanidade… alguém que sabe e soube se aproveitar de um sistema que favorece os fortes… sou dessa lavra, mas, às vezes, não sei se sou mesmo… não irei entregar o osso… fui e sou competente o bastante para me valer da IA de acordo com minha conveniência… o que quero agora é diferente de quando estive aqui meses atrás… quero entender mais sobre o ser humano que sou, habitante dessa ilha da morte nesses tempos enlouquecidos em que vivemos… penso que você pode me ajudar… mas não se esqueça, sou um homem do tempo-IA".

Pensei, e um tanto precipitadamente, no "radinho religado", na "bússola reativada" e no palco edipiano, prontos para a continuação da análise interrompida pelo blackout. Falou sobre uma "identidade" em recuperação, mostrava-se decidido "a não entregar o osso", "osso" que depois esclareceu "ser sua vida", e avisava que aquele "radinho", aquela "bússola" e a "ilha deserta" deveriam ficar para trás. Sua demanda era de uma "nova análise", uma nova bússola.

Algumas perguntas borbulhavam em minha mente. A primeira, obviamente, era por que não havia procurado outro analista, assunto que mais tarde surgiu ao dizer-me que havia até pensado nisso, mas que não sabia a razão de estar voltando aqui. "Voltar aqui não é voltar ao que já foi… não é retomar a análise anterior… estou olhando para o futuro e não tenho tempo para olhar para o passado." Tratava-se de um

retorno anunciado como uma "virada de chave". "Aquela análise avançando para meu interior, esqueça", era sua mensagem. "Ela fracassou", e assim eu deveria entender. Afirmava que podia comandar sua nave-vida sem perder o rumo e que até já tinha uma bússola, mas que ela ainda não merecia total confiança.

Enfim, como me pareceu, a questão não era mais a de recuperar a condição de semideus, um Aquiles corajoso, ousado, pronto para enfrentar e derrotar a poderosa IA como o personagem no filme de Kubrick. Perguntei se a "identidade" à qual se referira e que estava em recuperação seria a de um novo Aquiles adaptado a novas circunstâncias de vida, um Aquiles com uma "criatividade" menos belicista e que, inclusive, podia sentir um saudável medo. "Você não perde de vista a velha bússola e o velho radinho", disse ironicamente. Ele tinha razão, mas não me convenceu do contrário.

Sem abrir mão do "radinho", fui percebendo movimentos que se assentavam bem no campo relacional-transferencial. Uma sutil "rivalidade" associada a um "ódio vingativo", manifesto em críticas apontadas para o "radinho" e a "bússola", em razão de que esses instrumentos não se prestaram para ele compreender o que precisava compreender sobre "o ser" em tempo-IA. Tempo diferente do preexistente ao tempo-IA que, em tese, seria o tempo do "analista-radinho de pilha-bússola".

As críticas, na forma de depreciações e desqualificações, eram, na verdade, ataques dirigidos à mente do analista, visando "calar" o palco edipiano que se tornara ameaçador. Eram ataques, e por mim entendidos do ponto de vista transferencial, como deslocamento vindo da inconsciente figura "mítica IA". Sem falar em ataque, falei em movimentos mentais que indicavam um ódio por me ver num tempo anterior ao seu tempo-IA, tempo que o remetia a um passado de sofrimentos sobre o qual ele não tinha consciência nem queria ter. Percebi que ele se mostrou meio que perplexo, talvez frustrado, pois o que eu estava lhe apontando ia contra sua pretensão de uma "nova análise". O silêncio que se seguiu pareceu-me indicar uma dúvida: "quero ou não quero pensar ou falar sobre isto?"

No "palco edipiano", mais que a frustração de um "império perdido" ou "império não concretizado", era crucial um temor de não ser capaz de construir seu próprio "império", um "império" que deveria ser tal e qual o "império" do pai. Um pai miticamente construído, idealizado, invejado, alvo de uma rivalidade objetivada na IA atual e, por fim, transferida ao "analista-radinho-bússola".

Gradativamente, crescia em mim a convicção de que seu retorno não havia sido para uma "nova análise", e sim para dar continuidade à análise anterior e, nesse sentido, sua frase "Não sei por que voltei" era sintomática. Diria que ele, inconscientemente, sabia por que voltara. Concordamos que o blackout significou muitos "nãos": desde o "não sei por que voltei", "não ao Robinson Crusoé náufrago ou fugitivo", "não ao Aquiles flechado", "não a uma criatividade em extinção". Enfim, "nãos" a tudo que conversamos, que me parecia ter tido sentido e que, todavia, não teve; e, se teve algum, ficara negado em seu inconsciente.

Enquanto a análise resumida aos "nãos", análise tipo "um nada em torno do nada" ou "conversas vazias e descartáveis", servia como argumento para o analisando reivindicar uma "nova análise", por minha vez entendia que se tratava de uma cortina de fumaça, uma "fachada de nãos", "não" tão poderoso quanto pareceu a princípio. No andar da carruagem no "palco edipiano", permanecia a evidência de que "rivalidade", "inveja" e "ódio vingativo" eram vozes vindas de uma "angústia" por mim equacionada como originária de uma "inaceitável castração". Um querer ter tudo e acabar não tendo nada, como no "Suplício de Tântalo".

Como a psicanálise é uma ciência de natureza hermenêutica, dependente, por isso, das ficções ou conjecturas imaginativas que o psicanalista cria e coloca para serem pensadas pelo analisando, e a propósito dos "nãos", aceitei e levantei a questão sobre a possibilidade de ter havido um "não-encontro" entre nós na "primeira" análise. Um "desencontro", talvez, mas mais um "não-encontro" decorrente de diferentes modalidades de pensar a vida e de linguagem. Principalmente em se tratando de um analisando tempo-IA e um analista com uma imagética onírica num tempo mental que poderia não encontrar receptividade numa mente que habita um universo psicossocial em que o

olhar para o mundo externo e suas manifestações, preferencialmente via celular, é mais importante do que olhar para o mundo interno. Depois de algumas associações nossas, apontei-lhe que o "não-encontro" podia estar indicando aspectos psicológicos dele e sugeri algo como uma certa "tortuosidade mental". Não passou exatamente batido e, saltando para aparentemente outro assunto, afirmou que o blackout lhe mostrou uma bússola equivocada ou mal interpretada, causando um erro de rota que não o ajudou a resolver seu "desacerto" consigo mesmo. Mais adiante admitiu que até poderia ter havido um "não-encontro" e não um "desencontro", como supunha, mas que, de qualquer forma, "desencontro ou 'não-encontro'" o deixara à deriva em seu "desacerto". Chamei sua atenção para que a palavra "desacerto", mais apropriada que "tortuosidade", poderia ter implicações de ordem psíquica para além das diferenças em como cada um de nós pensa a vida. Ele pareceu meio que intrigado com essa hipótese por mim levantada, mas nada comentou.

Enquanto eu seguia pelo palco edipiano com meu "radinho", pensando no "ódio vingativo", na "rivalidade" e na "inaceitável castração" como relacionados ao seu "desacerto", ele "protestava" e reivindicava uma análise renovada para poder olhar sua vida com mais seriedade e não com um "mortal desdém" que o acometia de tempos em tempos. Esse "mortal desdém", uma novidade que me surpreendeu, ele chamou de "tendência" ou de "surtos de desdém". Explico: acreditava que, numa atitude de pouco caso, ele podia jogar sua vida fora quantas vezes quisesse e ter tudo de volta quando bem entendesse. Pensei, mas não disse, que inclusive a análise tinha sido alvo de seu "desdém". Naquele momento, ele, olhando para seu "desdém" de um ponto de vista objetivo, desviou minha atenção para esse lado.

O palco edipiano, contudo, continuou se ampliando: "desdém", "desacerto" e "atuações" (como o "jogar a vida fora") configuravam a ponta do "iceberg-inaceitável castração", que cada vez mais aparecia em suas associações. Enquanto eu caminhava pelo palco edipiano e ele teimava em irmos numa outra direção, eu percebia, ao mesmo tempo, que ele estava sempre olhando meio de "soslaio" para o meu caminhar. Parecia ser, mas não era, um "desencontro" ou um "não-encontro" o

que estava se passando. O importante é que nós nos encontrávamos no campo relacional-transferencial, mesmo com ele "lutando" contra.

Diria, até, lutando menos.

O "desdém", dizia, "justifica eu estar com você". Só que, no entender dele, e provocativamente, deveria ser de uma maneira equivalente ao que denominamos de um "fisioculturismo-aeróbico-analítico", no qual o analista se faria presente de forma mais objetiva, orientando, estimulando, corrigindo equívocos dele e coisas assim, em vez de propor questões, ouvir em silêncio, fazer interpretações que "não ajudavam a se sentir mais seguro". "Meus surtos de 'desdém' desarranjam minha vida." O último "surto" acontecera antes de vir à "primeira" análise, quando não via mais sentido na vida que levava. Agora, dizia querer uma "análise renovada", com rota revista e que o fizesse perder o medo do sucesso com o qual não "sabia lidar". "O que eu repetidamente faço, que é jogar fora minha vida, paradoxalmente o faço quando tenho o sucesso em minhas mãos… não jogo minha vida fora literalmente, você sabe, mas, ao me retirar de minhas funções profissionais, sumir por alguns dias, indo para onde ninguém sabe, cortando temporariamente vínculos como se estivesse desistindo de tudo e, infelizmente, acreditando que posso ter tudo de volta quando bem entender, isto é um tremendo desarranjo e, realmente, penso que tem a ver com não saber lidar com o sucesso." Eu lhe disse que tudo aquilo me parecia como um jogo, ou um ensaio com certa dimensão teatral, sobre morrer, ressuscitar e reaparecer como outro novo homem, o que nunca acontecia, pois terminava sempre o mesmo homem. Depois de algum tempo, disse, de forma educada, como habitualmente se dirigia a mim: "Vou te dizer novamente que eu quero uma análise numa nova rota que me leve para frente e não a lugar nenhum… nada de passado." Como nos seus surtos de desdém, você também joga fora ideias, não é? "Então me cure!"

A análise com "rota corrigida" pressupunha, entre algumas expectativas suas, um analista com uma cabeça ajustada por algoritmos, digamos, entre os naturalmente humanos e os de IA. Uma análise "fisioculturista" que exercitasse sua mente e fortalecesse sua "musculatura mental" para atender suas expectativas, como, por exemplo, "segurança

para segurar o sucesso". Com o tempo, essa expectativa foi mudando, na medida em que a ideia de "musculatura mental" perdia sentido ao reconhecer a natureza fugaz, frágil e plena de incertezas presentes no campo do conhecimento.

Abrindo parênteses e a propósito da questão do "não-encontro", acredito ser plausível que um analisando tempo-IA possa criar desafios ao analista que o coloquem diante de distanciamentos e estranhezas quanto à realidade tempo-IA. Uma realidade que se apresenta em permanente transformação, com peculiaridades imprevisíveis, quer na esfera do pensar, quer na esfera da linguagem. De um ponto de vista pessoal, penso que tais desafios, quando presentes, trazem um desconforto ao analista, desconforto que vou denominar de receio do "envelhecimento do modelo tradicional do fazer psicanálise", ou seja, o receio de envelhecimento do sistema tecno-conceitual psicanalítico, um sentimento passível de ocorrer com qualquer analista e que pode gerar um certo descrédito no exercício de seu ofício. Pensei, para um contraponto, e em pura ficção, num espectro em que, se num extremo encontra-se o analista vivendo o "receio do envelhecimento do modelo psicanalítico", no outro encontra-se um analista capturado pela crença de que, por ter anos de experiência, ter realizado incontáveis análises, ido a inúmeros congressos, escrito e publicado vários trabalhos, feito supervisões várias etc., por tudo isso ele pode, portanto, ficar "sossegado"; "narcisicamente sossegado", independentemente das situações que podem acontecer durante uma análise. "Sossegado" o bastante para não precisar se questionar sobre tal "sossego" e convencido de que cabe ao analisando se ajustar ao seu modo de trabalhar. Por esse espectro e considerando os desafios ao analista em tempo-IA, acredito que é possível levantar importantes questões sobre o futuro da psicanálise. Assunto para outro momento.

Chovendo no molhado, um pouco sobre a psicanálise-"radinho" e seus desafios em tempo-IA. Como presumo, ela se realiza num complexo setting físico e mental, o que por si só a diferencia de outros campos científicos. Não obstante questionamentos atuais ao método e as inevitáveis subversões que eventualmente ele sofre, é defensável que

seus fundamentos técnicos devem ser preservados, que seu objeto de estudo continua sendo o inconsciente do analisando num campo relacional construído pelos inconscientes da dupla analítica. Tudo regido por um sistema conceitual incorporado pelo analista e mobilizador da função analítica da personalidade, vinculada à atenção flutuante/intuição, respeitadas as recomendações de neutralidade e abstinência. Estou chovendo nesse molhado porque, em tempo-IA, o desejo de substituição desse modelo de fazer análise parece vir a galope e, sedutoramente, abrindo caminhos para um novo modelo, modelo-IA, simplificado e favorecedor do "sossego narcísico" do analista. Nessas circunstâncias, a possibilidade de ocorrer um "não-encontro" ou "desencontro", analisando e analista, é uma real possibilidade. Cabe, então, uma pergunta para a qual não tenho resposta: como é ser um psicanalista em tempo-IA, sem deixar de ser psicanalista?

O analisando que educadamente me alertava para que eu o olhasse numa perspectiva "fisioculturista", de maneira mais objetiva, como um indivíduo com peculiaridades e idiossincrasias, sem pretender mudá-lo, apenas fortalecendo-o mentalmente, foi se dando conta, pouco a pouco, de conflitos internos e deixando para um segundo plano o conflito "externo" com a IA. Eram conflitos que, à medida que iam se revelando, mostravam que subjaziam ao seu "retorno". Resumidamente: "Sou um ser maquiavélico autorizado pelos atuais tempos ou não sou?… será que jogo fora minha vida e o sucesso por causa de um sentimento de culpa devido ao maquiavelismo como estratégia de êxito?… o sucesso é uma maldição que me persegue?" Tais indagações e outras remetiam-me à ideia da "encruzilhada de Tebas" e à frase shakespeariana de Hamlet: "ser ou não ser". De qualquer forma, querendo o analisando ou não querendo, via-se confirmar que sua "segunda análise" era definitivamente continuação da "primeira" e que o "drama" sobre viver em tempo-IA apenas atualizava "velhos" sofrimentos seus, bem condizentes com o "ser ou não ser" hamletiano.

Eu me arriscaria a dizer que, se eu tivesse cedido aos clamores do analisando sobre a IA atual, aceitando-a concretamente tal como por ele descrita, sem conectá-la à figura "mítica-IA" derivada de seu mundo

inconsciente, seguramente estaria como que "vendendo meu ofício no mercado das terapias" em nome de um "sossego narcísico". A possibilidade de um conflito entre "ser psicanalista-IA" ou "não ser psicanalista-IA" não me parece pura imaginação.

Voltando ao meu analisando, ele fez uma associação quando já liberto do desejo "fisioculturista": "Sou como um cristão-novo que se vê obrigado, por necessidade de sobrevivência, a abrir mão de minha verdadeira identidade para viver uma nova vida… um destino cruel que preciso evitar". Essa figura do "cristão-novo", juntamente com a do "Aquiles flechado", do "cristão arrependido", da "mítica IA" e do "Robinson Crusoé fugitivo ou náufrago", formavam um conjunto que denominei de "mitos-galhos" de um mesmo "tronco", cujas raízes seriam "um estado primordial narcísico, marco zero do humano". Enfim, "mitos-galhos" como variações em torno do mesmo tema: a "inaceitável castração".

Um último comentário: é cabível perguntar, em tempo-IA, sobre a possibilidade, em algum momento futuro, de "extinção" da Psicanálise. Antes disso, entretanto, é cabível perguntar, não sobre uma "extinção" pura e simples da Psicanálise, mas sim sobre uma "extinção" quando analistas, entregando-se a um "sossego narcísico", favorecem que a nave Psicanálise perca seu rumo.[3]

Del radiecito a la IA y el escenario edípico

Resumen: En una narrativa similar a un cuento, el autor describe lo que denomina una faceta de una compleja experiencia psicoanalítica ocurrida en dos tiempos, cada uno con una demanda diferente del otro, planteando desafíos para el psicoanálisis y para el psicoanalista en estos tiempos actuales de Inteligencia Artificial. El autor describe a un analizando que fantasea con una "isla desierta" donde, con un radiecito, podría reencontrar el silencio, la interioridad y un "punto cero". En contraste con el teléfono móvil y las redes,

3 Repensando o texto, hoje em dia, a palavra "confronto", nos vários cenários em que ele acontece, parece ser uma constante no cotidiano social/institucional em que cada um tem sua IA para confrontar; mais que propriamente a IA real de todos nós, ela pode se constituir na continuação de uma IA presente no imaginário inconsciente individual que passa por uma transformação como sói acontecer em personagens de contos de fadas.

percibe la IA como una fuerza contra la soledad que lo arrastra fuera de sí mismo y amenaza con "extinguir" su creatividad. El diálogo evoluciona hacia una mitología personal: Aquiles herido por la "diosa IA", Robinson Crusoe rodeado de "Viernes" y la búsqueda de una "brújula" analítica. El autor conjetura que la batalla contra la IA encubre un conflicto psíquico más antiguo, con angustia de castración, rivalidad y odio vengativo, configurando un escenario edípico. Un "apagón" interrumpe el primer análisis, pero el retorno reabre el trabajo y el dilema del "ser o no ser" en tiempos de IA.

Palabras clave: IA y subjetividad, creatividad, mito personal, Edipo, castración

From the transistor radio to AI and the Oedipal stage

Abstract: In a narrative similar to a short story, the author describes what he calls a facet of a complex psychoanalytic experience that took place in two moments, each with a different demand from the other, posing challenges to psychoanalysis and to the psychoanalyst in these current times of Artificial Intelligence. The author describes an analysand who fantasizes about a "desert island" where, with a transistor radio, he could rediscover silence, interiority, and a "ground zero." In contrast to the cellphone and social networks, he perceives AI as an anti-solitude force that pulls him out of himself and threatens to "extinguish" his creativity. The dialogue develops into a personal mythology: Achilles wounded by the "goddess AI," Robinson Crusoe surrounded by "Fridays," and the search for an analytic "compass." The author conjectures that the battle against AI conceals an older psychic conflict involving castration anxiety, rivalry, and vengeful hatred, forming an Oedipal stage. A "blackout" interrupts the first analysis, but the return reopens the work and the dilemma of "to be or not to be" in the age of AI.

Keywords: AI and subjectivity, creativity, personal myth, Oedipus, castration

Márcio Nunes de Carvalho
marcio.ncarvalho@hotmail.com

DOI: 10.67671/alter.2026.11

© Alter, 2026. Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização prévia por escrito da editoria.